

Alma infantil

poemas de Francisca Júlia



A aranha e a mosca

Uma aranha, a muito custo,
com cuidado tece e enleia
os fios de sua teia
entre os galhos de um arbusto.

Da teia fina entre as pautas
oculta a um canto se ajeita
e fica encolhida à espreita
das borboletas incautas.

Parece a teia um adorno
entre os dois galhos tecido;
um besouro, num zumbido,
anda revoando-lhe em torno.

Pensa a aranha: “A presa é boa”.
E o besouro descuidado
quase às vezes é apanhado,
mas bate as asas e voa.

Pousada num galho, acima,
a mosca esperta acompanha
com a vista os gestos da aranha,
mas dela não se aproxima.

A mosca é velha, e, à cautela,
diz estas coisas consigo:
“Aquele aranha é um perigo,
não me chego perto dela”.

Receosa da armadilha,
soltando o voo, abre a asa
e volta depressa à casa
a prevenir sua filha;

E à filha diz que receia,
receia muito essa aranha
que as pobres moscas apanha
nos fios da sua teia.

— Não vás lá, filha querida,
quem te fala e te aconselha
sou eu, que sou mosca velha.
Não vás lá, que estás perdida.

Dado o conselho, anuncia
que em voo ligeiro parte
a buscar em outra parte
o sustento do seu dia.

Pensa porém a mosquinha
possuir também olho esperto:
quer ver a aranha de perto,
e da teia se avizinha.

— Que linda casa em que vives!
Diz ela, “Parece loura
no raio de sol que a doura,
parece uma obra de ourives!”

“Minha casa é sem abrigo,
de construção muito tosca
palavra de honra de mosca,
quisera viver contigo!”

“Creio bem que não te negas
a viver em sociedade
com a minha estreita amizade
com excelentes colegas”.

Curiosa, em voo erradio,
vencida enfim de quebranto,
ela aproxima-se tanto
que prende as patas num fio.

A aranha então, num disfarce,
atira o laço em que enrosca
as seis perninhas da mosca,
que tenta em vão escapar-se.

Presas as patas, vencida,
triste, enquanto a morte espera,
lembra-lhe o que mãe dissera,
chorando de arrependida:

“Foge da aranha, filhinha,
quem te fala e te aconselha
sou eu, que sou mosca velha.
Infortunada mosquinha!”



Voz dos animais

– O peru, em meio à bulha de outras aves em concerto, como faz, de leque aberto?
– Grulha.

– Como faz o pinto, em dia de chuva, quando se interna debaixo da asa materna?
– Pia.

– Enquanto alegre passeia girando em torno do ninho, como faz o passarinho?
– Gorjeia.

– E de intervalo a intervalo quando a manhã se levanta, no quintal que faz o galo?
– Canta.

– Quando a galinha deseja chamar os pintos que aninha, como é que faz a galinha?
– Cacareja.

– A rã, quando a noite baixa, que faz ela a toda hora dentre os limos onde mora?
– Coaxa.

– E quando as narinas incha, cheio de gosto e regalo, como é que faz o cavalo?
– Relincha.

– Que faz o gato, que espia uma tigela de sopa que fumega sobre a copa?
– Mia.

– Com a barriga farta e cheia que faz o burrinho quando se está na grama espojando?
– Orneia.

– Para sinal de rebate, aviso, alarme ou socorro, como é que faz o cachorro?
– Late.

— Para que as mágoas embale
quando tresmalha, sozinha,
que faz a branca ovelhinha?

— Bale.

— Em fugir quando porfia
a garra e aos dentes do gato,
como faz o pobre rato?

— Chia.

— De pé, se a boca descerra
e alta levanta a cabeça,
que faz a cabra travessa?

— Berra.

— Cheia a boca da babuge
do milho bom que ruma,
que faz o boi na campina?

— Muge.

— A pomba, que grãos debulha,
como faz, batendo as asas
sobre o telhado das casas?

— Arrulha.

— A voz tremida do grilo
que vive oculto na grama,
a trilar, como se chama?

— Trilo.

Mas escravos de emoções
que os fazem bons ou ferozes,
os homens têm sua vozes
conforme as ocasiões.



Infância e velhice

A mamãe estende o braço...
(porque a mamãe é tão boa!)
E a gente tropeça à toa,
a cada passo.

Anos depois, quando a gente
é grande já, sem cautela
anda bem ao lado dela,
valentemente.

E mais tarde, passo a passo,
com delicada ternura,
é a mamãe que se segura
em nosso braço.





O galo

Passo lento, olhar profundo,
valente, brioso e grave,
o galo é a mais linda ave
dentre todas que há no mundo.

Um pé adiante, outro atrás,
bico aberto, o galo canta;
tem a glória na garganta
e nas esporas que traz.

O galo é sempre o primeiro
a anunciar as auroras.
Repara bem: tem esporas
e é por isso cavaleiro.

Coroa tem e de lei,
coroa em forma de crista
que ganhou uma conquista:
por isso julga-se rei.

Pendentes até ao peito,
vermelhas, grandes e belas,
tem barbas que são barbelas
que lhe dão muito respeito.

Com que delicado amor
ele defende e acarinha
o seu filho e a galinha
com seu gesto protetor!

De cabeça levantada,
altivo sobre o poleiro,
ele é o rei do galinheiro
e o cantor da madrugada.

Vivem todos sob a lei
e ordens que o galo decreta:
soldado, músico e poeta,
pastor, cavaleiro e rei!



Manhã de inverno

Manhã muito fria. Um bando
passou de aves assustadas.
Adriano e a mãe, de mãos dadas,
passeavam, conversando.

À terna mamãe, que o ouvia,
o pequenino Adriano,
que tem pouco mais de um ano,
estas perguntas fazia:

— Por que é que a avezinha esperta
o frio, mamãe, não sente,
se ela vive sem coberta
feita de lã, como a gente?

— Olha mamãe, olha aquela!
Quem sabe se no seu pio
diz ela que sente frio?
Que pena que tenho dela!

Diz a mãe: — Não, meu filhinho,
Deus, que é tão bom e perfeito,
Fez tudo muito bem feito:
não deu frio aos passarinhos.

— Deu-lhes as penas de cores
variadas e diferentes,
que são macias e quentes
como a lã dos cobertores.



Primavera

Bem cedo, mal rompe o dia,
já estão gorjeando as aves
os seus pipilos suaves
em grandiosa alegria.

Vasto, o campo se descobre,
ondula, se estende e perde,
todo verde, todo verde
da nova relva que o cobre.

De toda parte invadidos
e cheios estão os ares
do perfume dos pomares
e dos jardins florescidos.

Às aves eriça a pluma,
varre os ares e os refresca
o sopro da brisa fresca
que tudo beija e perfuma.

A natureza se esmera
com galas e enfeites novos;
ri o sol, brotam renovos...
É risonha a primavera

Que bem cedo acorda os ninhos,
perfuma as flores, enfolha
as árvores, folha a folha,
onde cantam os passarinhos.





Chuvas

Sendo forte a chuva, um dia,
a pequenina Arabella,
triste, através da janela,
de si para si dizia:

“E esta chuva continua!
Para nada a chuva presta:
quando chove, não há festa,
a gente não sai pra rua.”

“Eu pra mim tenho que erra
quando diz a professora:
— Sem chuva não há lavoura,
nem há vida sobre a terra.”

“Besteira! Se tudo alaga,
não há quem não a repreve.
Eu acho que, quando chove,
até a lavoura estraga.”

“Chuvas!... ou grossas ou finas,
encharcam o traje todo,
sujam as botas de lodo...
E eu só tenho estas botinas.”

“A chuva só palmatória
merece, para castigo.
Por isso é que eu sempre digo:
com chuva não quero história.”

“Entretanto, se é verdade,
como a professora disse,
que a chuva (mas que tolice!)
tem alguma utilidade,

É porque, de vez em quando,
a gente enfim se consola,
porque deixa de ir à escola
e fica em casa brincando”.



